

DE DIDO À MATRONA DE ÉFESO

Amós Coêlho da Silva (UERJ e ABRASIL)
amoscoelho@uol.com.br

Em Vergílio épico que Eneias narre a Dido sobre a queda de Tróia: *Manda-me, ó rainha, renovar uma dor indizível!* (*En.* II,3) É que para ele, o máximo: uma proeza, um ‘epos’, um momento heróico de superação. Uma prova de valor aos deuses. Tal projeto mítico, o da prova, se superada, glorifica, é o nutriente da glória heroica. E ela o amava: tudo para ele. Mas, e ele? O que para ela? A longa hesitação de casta lembrança de antiga paixão por Siqueu (*En.* I, 340-369) a outro novo amor, a votos religiosos com solícitas incertezas provenientes de altares conselheiros, como também à confissão fraterna à sua irmã Ana: enfim, a sincera entrega a Eneias. Mas em seguida: a traição. Da pérfida traição ao suicídio tão sentido.

Já em Petrônio, um retrato humano que parodia o gesto épico: *A Matrona de Éfeso* (CXI), de castidade tão notável, viúva inconsolável a quem não faltou a atenção de todos: súplicas até de estrangeiros de outras cidades, atraídos pelo pranto viúvo de quem renunciava à própria existência, tal era o clamor do seu infortúnio. Mas o destino providenciou um encontro: um simples soldado, embora despojado de sofisticação social, era dotado da mesma carência herdada dos andróginos: a busca da outra metade.

Palavras-chave: Épica. Intertextualidade. Paródia. Paixão.